

**Um homem influencia o outro? O discurso
religioso na tradição da escrita de Christine de
Pizán e de Cervantes**

**Does a man influence another? Religious discourse in the writing
tradition of Christine de Pizán and Cervantes.**

*Edwirsens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida*¹

¹ Pós-doutora em Literatura. Doutora em literatura brasileira. Doutora em Literatura espanhola. Universidade Estadual de Montes Claros-MG.
E-mail: edwirsensletras@yahoo.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2297-6800>

RESUMO:

Este breve estudo pretende percorrer uma trajetória das produções orientadoras da conduta de mulheres pelo discurso masculino na Idade Média e a repercussão dessa produção, realizada por homens, na escrita da escritora Cristina de Pizán, na Idade Média, e na escrita de Cervantes, na entrada da Idade Moderna. Sabe-se que grande parte dessa produção tem teor moral e religioso, sobretudo porque tem sua gênese no período de predominância no pensamento católico sobre a região Ibérica, o que fomentou os discursos misóginos, tendo em vista a inferioridade da mulher frente ao homem. Contudo, nosso propósito não é examinar tais narrativas ficcionais, no entanto, sugerir que o leitor adentre aos escritos desses autores a fim de averiguar como a autoria, seja de homem ou de mulher, foi, num plano superficial, conformadora com o discurso predominante, e, por outro lado, tanto o homem quanto a mulher, lançando mão das representações literárias aqui sugeridas, buscaram estratégias para registrar o lugar da mulher, mesmo contra as práticas e o discursos predominantes da tradição.

PALAVRAS CHAVE: Misoginia; Idade Média; Idade Moderna; Literatura.

ABSTRACT:

This brief study intends to cover a trajectory of the productions guiding the conduct of women by male discourse in the Middle Ages and the repercussion of this production, carried out by men, in the writing of the writer Cristina de Pizán, in the Middle Ages, and in the writing of Cervantes, at the entrance of the Modern Age. It is known that much of this production has a moral and religious content, especially because it has its genesis in the period of predominance in Catholic thought in the Iberian region, which encouraged misogynistic discourses, given the inferiority of women compared to men. However, our purpose is not to examine such fictional narratives, but to suggest that the reader enters the writings of these authors to discover how the authorship, whether male or female, was, on a superficial level, in conformity with the predominant discourse, and, on the other hand, both men and women, using the literary representations suggested here, sought strategies to record the place of women, even against the predominant practices and discourses of tradition.

KEYWORDS: Misogyny; Middle Ages; Modern Age; Literature.

Devemos ter em mente que a transformação cultural é um produto complexo da ação humana no curso da História e que ocorre de modo particular em cada época e em determinados espaços.

Renata Cardoso Beleboni

Segundo Leticia Mallard (1997), um texto ficcional, excelentemente escrito, com agenciamentos retóricos muito semelhantes aos típicos da literatura, poderá ser um texto histórico de grande valor, um contributo “perfeito” de interpretação do passado. Obviamente, reconhecemos as especificidades do discurso literário e do discurso histórico, mas também sabemos que tanto a história quanto a ficção são construções de linguagem, portanto sujeitas a interpretações subjetivas. É nesse sentido que vai o pensamento de Luís Costa Lima (1995), ao afirmar que a narrativa ficcional deve ser considerada enquanto meio próximo e distinto da narrativa histórica. Na concepção realista, o sentido pré-existe à instalação dos fatos: o real significa, denota os fatos enquanto a ficção relata aquilo que poderia ter acontecido. Para esse autor, a compreensão do verossímil moderno indica que a história é um gênero de ficção, uma ficção que ignora seu próprio estatuto.

Assim, segundo Lima (1995), as ficções podem ser comparadas a uma tela que interpomos entre nós e o mundo, tela pela qual o “momento imaginário da ficção” concorda e coincide com o mundo. A ficção literária é apenas o discurso que reconhece a sua própria ficcionalidade. É uma representação que remete ao mundo, não o designa. O próprio do imaginário é o seu caráter fluido, difuso e caprichoso. Já para o historiador, o seu intento é designar o mundo que estuda. Designá-lo, nesse caso, significa organizar os restos do passado, tal como presentes ou inferidos de documentos, em um todo cujo sentido centralmente não é a ordem do imaginário.

É centrando nessa dinâmica da relação entre o literário e o histórico que, neste texto, buscaremos abordar, a partir do discurso ficcional de Cristina de Pizán e de Miguel de Cervantes, como o discurso da tradição, sobretudo religioso do mundo Ocidental, orientou a escrita de homens e de mulheres que, de maneira peculiar, trabalharam estrategicamente seus registros para construir discursos que, aparentemente, conformaram, mas que, contraditoriamente, flexibilizaram e criticaram essa tradição.

Nessa perspectiva, esta discussão passeia pelas tensões entre a literatura e a história destacando que o discurso religioso predominante nos tempos da Idade média passando aos primeiros séculos da Idade Moderna foram orientadores de registros literários como os de Cristina de Pizán e de Cervantes. Porém, esses discursos e essas práticas predominantes não foram suficientes para impedir que, em seus registros, esses escritores manifestassem um teor crítico e irônico sobre o lugar social ocupado pela mulher naqueles tempos. Logo, a distinção das representações se dá, sobretudo, pelo modo como cada escritor viu, interpretou, desejou e imprimiu, através de suas penas, os embates sociais e de gênero de seu entorno.

Atentando para os discursos acerca da relação entre homens e mulheres ao longo da história, Pedro Carlos Louzada Fonseca faz uma releitura das fontes difamatórias da mulher na Idade média e destaca que, desde a Antiguidade,

é sabido o quanto Hesíodo já maldizia da praga do mal introduzida no mundo através da mulher. Ovídio, cujos antecessores misóginos foram temporariamente perdidos de vista no período medieval, constitui um nome obrigatório na longa lista de antigas e tradicionais sátiras contra a mulher (FONSECA, 2009, p. 170).

É extensa a lista de nomes clássicos difusores do pensamento misógino. O relato de Aristóteles presente no livro *História dos animais, Livros VII-X* foi

uma relevante fonte de inspiração para a ideologia político-religiosa da Idade Média, que se difundiu pelos meandros da Idade Moderna, bem como para a subestimação do corpo feminino, entendendo-o como impuro e deformado diante da perfeição do corpo e da intelectualidade masculina. Desse pensamento também decorre a filosofia dos tratados orientadores da conduta, sobretudo feminina, difundida na transição para a Idade Moderna, isto é, momento em que Cervantes registra as suas *Novelas Ejemplares*. De modo geral, passando da Antiguidade ao discurso patriarcal da Idade Média, pode-se constatar a presença de uma maior quantidade de textos de natureza misógina que aqueles defensores da mulher.

Tal discurso preconceituoso em relação à mulher ganha força na Idade Média associando-se ao discurso religioso que a estereotipa a partir da imagem da virgem Maria, submissa e acolhedora, em detrimento da personalidade de Eva, símbolo da transgressão, portanto motivadora do pecado original. Tal ideologia e a prática dessa reclusão feminina ainda vigoraram intensamente nos primeiros séculos da Idade Moderna, isto é, os séculos XVI e XVII, motivo que nos instiga a fazer essa breve revisão, uma vez que os escritos cervantinos refletem, a seu modo, esse balanceio entre condutas de homens e de mulheres. Contudo, dentre as inúmeras vozes que difundiram a misoginia medieval, vale destacar a presença de uma voz que se destoa do discurso predominante atribuindo uma argumentação em favor da natureza feminina, a de Cristina de Pizán.

Cristina de Pizán (2001) foi considerada como a primeira mulher profissional na carreira de escritora. Viúva e mãe de três filhos, Cristina tem conservadas trinta e sete obras, dentre as quais destaca-se *La ciudad de las damas*, na qual a escritora apresenta sua indignação frente ao comportamento dos homens diante das mulheres. Nesta mesma obra, sobretudo, ela destaca como

escritores tão sábios quanto Aristóteles são capazes de pronunciamentos tão preconceituosos e absurdos contra a mulher.

Por essas considerações, vê-se que a preocupação com o papel dos gêneros, tendo em conta as possibilidades de cada época, é algo inerente à história da humanidade. Embora o gênero fosse pensado nesse tempo como sexo por se tratar de diferenças determinadas biologicamente, e não social e culturalmente, como nos tempos de hoje, conforme afirma Barbieri (1991), a discussão já era latente nos tempos que vimos discutindo. Dessa forma, utilizamos o termo gênero para designar o que, nos séculos XVI e XVII, ainda era pensado como algo biologicamente determinado. Portanto, gênero era sexo, não existindo aspectos culturais, sociais ou políticos que construíssem identidades. Naquele tempo, o gênero vinha determinado desde o nascimento por aspectos biológicos e coincidia com o sexo, enquanto hoje, o gênero é entendido de forma mais abrangente como uma construção cultural.

Com um olhar voltado para a problemática dos sexos, isto é, dos gêneros, vale acrescentar que, grande parte dos textos que serviram como base para a inscrição e a revisão dessa ligação entre homens e mulheres, eram os textos literários, cuja distinção se fazia bastante complexa dos tratados e textos moralizantes, já que a literatura também educava. Nesse tempo, não existia a noção de modelos canônicos e nem sequer a própria noção de gêneros literários, por isso também se faz relevante essa revisitação dos discursos morais. Os tratados eram importantes porque apresentavam princípios, normas de comportamento, de composição. A concepção de gêneros literários também era incipiente. Para se ter uma medida, o modo como classificavam a prosa narrativa era “histórias fingidas”, o que nos leva a questionar a representação que estas faziam da vida em sociedade. Vale anotar que, de modo sumário, as artes estavam divididas pela finalidade de censurar os vícios ou elogiar as

virtudes. De acordo com essas finalidades é que se empreendia a representação do caráter das personagens.

Contudo, a nosso ver, Cervantes nas narrativas curtas não se prende, totalmente, a essas regras e produz textos que, mais do que orientar o leitor para o seu sentido, atribui a ele essa função da decifração, como diz Colin Thompson (1990). Sendo assim, é com base nessa relação que a literatura estabelecia com os tratados e com a representação da vida social que vamos problematizar o texto literário de forma que seja possível ver nele o que há de representativo do contexto histórico no qual foi produzido, o que produz, em termos artísticos, maior embelezamento da ficção cervantina.

A mulher ao longo da história

Ao separar a história da mulher da história do homem, se termina por impossibilitar a compreensão do verdadeiro grande tema, que é a sociedade, ou o corpo social.

Reyna Pastor

Estudando a condição social da mulher na Espanha medieval, Reyna Pastor (1986) observa que, sendo a mulher um elemento social, deve ser estudada na sua interação com o homem, isto é, vivendo em sociedade, embora seja necessário ressaltar as restrições a que foram submetidas as mulheres daquele contexto. Centrada na mesma direção, vale acrescentar o pensamento da historiadora Maria Filomena Dias Nascimento:

A sociedade feudal foi, sem dúvida, patriarcal e, para muitos autores, estaríamos falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada. E, ainda assim, estaríamos falando de uma circulação somente permitida dentro dos limites da casa paterna, da casa marital ou do convento (NASCIMENTO, 1997, p. 85).

Tal limitação nas práticas femininas, bem como a inferioridade das ideias em torno da mulher foi reforçada pela grande difusão das teorias misóginas ao longo da Idade Média. Era frequente a recorrência ao pensamento de teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina, fator que reforçou a submissão da mulher medieval nos primeiros séculos da Idade Moderna. Essa ideia da reclusão feminina figurou como enredo de muitos registros literários desse período, como podemos citar, dentre as narrativas curtas cervantinas, *El celoso extremeño* e em *Las dos doncelas*. Pensadores como Aristóteles, São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino foram decisivos na construção desse discurso aversivo contra a mulher.

Em *História dos animais* (2008), o filósofo grego Aristóteles foi disseminador da inferioridade da mulher reduzindo o seu papel, na geração, ao de matéria prima à espera da ação formadora ou movedora do sêmen do homem. Acrescenta Pedro Carlos Louzada Fonseca que “a considerável autoridade de Aristóteles foi certamente responsável pela conservação medieval da equação da mulher à matéria, enquanto o homem era responsável pela forma que, equacionada à Alma, encontrava-se em estado superior apenas no sexo masculino” (FONSECA, 2009, p. 172). Também é de origem aristotélica (2008) o significado de corrupção moral adquirido pela menstruação. Acreditava-se que o sangue da menstruação impedia a germinação e matava as plantas, oxidava o ferro e transmitia raiva aos animais. Ainda o sêmen “foi considerado como uma espécie de resíduo de sangue altamente depurado, supôs-se, na opinião transmitida por esses pensadores da Antiguidade, que a frequente atividade sexual literalmente drenaria a vitalidade do sangue do homem, causando-lhe deficiências” (FONSECA, 2009, p. 172).

Maria Filomena Dias Nascimento lembra que, antes do século XIII, a igreja já estava profundamente afetada pela imagem negativa da primeira

mulher que se formara em torno de Eva. Esta era considerada “um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, pelo que necessário submetê-la à tutela masculina” (NASCIMENTO, 1997, p. 85). Esse pensamento foi fundamental para estereotipar a mulher em suas ações como um anjo ou como uma bruxa, como pode ser lido nas representações de Leonora e Marialonso, respectivamente, em *El celoso extremeño*. Sendo a primeira mulher, Eva passa a projetar toda a sua carga negativa sobre a geração das mulheres, o que era agravado pela ideia de ter sido criada a partir do homem, o que a fazia parte deste, representando a sua parte vulnerável. Thomas Laqueur explica, baseando-se no pensamento de Plutarco, que “o espírito e o útero da mulher são interpretados como áreas equivalentes para o princípio ativo do macho; sua pessoa está sob o governo e a instrução racional do marido pela mesma razão que seu ventre está sob o domínio do esperma dele” (LAQUEUR, 2001, p. 72-73).

Por outro lado, Laqueur acrescenta que “a cristandade tornou a possibilidade de uma harmonia entre a boa ordem social e a boa ordem sexual muito mais problemática que na antiguidade romana... na sua defesa da virgindade” (LAQUEUR, 2001, p. 73). Em vista desse pensamento, é relevante ratificar que alguns escritos de Cervantes como as duas narrativas já mencionadas recebem a influência dessa orientação religiosa que coloca a virgindade como elemento primordial na garantia da honra da mulher e que é registrada pelos tratados, tendo em vista, sobretudo, o caráter repressor que a igreja exercia sobre os indivíduos daqueles tempos. Curiosa a leitura feita por Thomas Laqueur é que, embora essa diferenciação entre o poder dos sexos masculino e feminino tenha orientado as ideias de grandes pensadores da Antiguidade e da Idade Média, para este, na interpretação de Laqueur, o que existiu foi o sexo único, “em que os pares de oposições ordenadas opunham-se

a uma carne única que não era inerente a eles próprios” (LAQUEUR, 2001, p. 75).

Seguindo outra explicação para o modelo do sexo único, a partir de Thomas Laqueur, o sexo é ligado ao poder.

Em um mundo público predominantemente masculino, o modelo de sexo único apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: o homem é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos ontológicos. Nem todos os homens são masculinos, potentes, dignos, ou poderosos, e algumas mulheres ultrapassam alguns deles em cada uma dessas categorias. Porém o padrão do corpo humano e suas representações é o corpo masculino (LAQUEUR, 2001, p. 75).

O que pode se perceber então é que, indistintamente do modo de conceituação do sexo único ou binário, o que se vê é o privilégio dos atos e do corpo masculino em detrimento do feminino. Na ideia de Laqueur pode ser entrevista a base para a procedência das duas donzelas, na narrativa curta homônima cervantina, em que as duas mulheres se travestem de homens para terem o privilégio do espaço público, elas parecem ter impregnado esse modo de pensar, a partir dos costumes em seu entorno.

Na mesma direção, Fonseca explica que

a metáfora máxima, jamais cunhada para figurar o simbólico sentido destruidor do corpo feminino, foi, sem dúvida, a do aproveitamento do antigo medo da *vagina dentata* (vagina dentada) para significar o portão do inferno do imaginário religioso medieval, (...) que podia cortar fora o pênis do homem (FONSECA, 2009, p. 172).

Segundo Fonseca (2009), Santo Agostinho também foi divulgador da misoginia, pois considerava a mulher como perturbadora da serenidade e da

espiritualidade da mente masculina por meio da instigante predisposição para as solitudes materiais e sensoriais.

Como se pode notar, estas ideias tiveram ampla divulgação dentro da própria igreja e eram, principalmente os seus membros, os principais difusores.

Para eles [os homens da Igreja] estava claríssimo que a mulher era um perigo carnal e espiritual a ser evitado. Desta maneira, os discursos que justificavam o repúdio não se basearam exclusivamente nos legados dos grandes teólogos e filósofos, mas também se nutriram fartamente de credices, que o baixo clero tratou de alimentar (NASCIMENTO, 1997, p. 86).

Esse modo de pensar acabou por justificar variadas formas de discriminação como a negação da participação ativa da mulher nas missas, a proibição de tocar os ornamentos sagrados bem como sua exclusão das funções sacerdotais. A visão, não raras vezes, considerada agenciada pelo diabo, reforçou a ideia do monopólio do homem nas pregações e nas atividades religiosas. Essa associação da mulher ao demônio é encontrada ainda na narrativa *El celoso extremeño*, a partir do auxílio dado por Dona Marialonso a Loaysa no processo de sedução da jovem casada Leonora. Outro modelo foi o suposto libelo de Theophrastus a respeito da dissuasão ao casamento. “Incorporado ao *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, tecia arditos comentários misóginos, como aquele que comentava sobre a impossibilidade de se assegurar da fidelidade da mulher que, se fosse bonita atrairia um enxame de amantes e, se fosse feia, iria à procura deles” (FONSECA, 2009, p. 178). O velho Carrizales, na mesma obra citada, sugere o temor desse pensamento jeronimiano já que a reclusão a que submete sua jovem e bela esposa é uma estratégia de controle do seu ciúme contra os possíveis amantes que poderiam se interessar por ela. A recusa do homem ao casamento era fortalecida pelo celibato, o que justificaria o afastamento dos vícios e do convite ao pecado, por

parte da mulher, já que esta danificaria a alma do homem e o conduziria ao pecado.

Ideias do tipo de que a luxúria do amor efeminava os homens e que o equacionamento da mulher à libido tornava-a, entre outras coisas, insuficiente de inteligência e de razão, sendo aptas apenas para pequenos conselhos e tomadas de decisão imediata. Associado a esses temas metafóricos da mulher imaginada como poço destapado,

encontrava-se o tema do impuro e embusteiro olhar feminino, (...) a exemplo das advertências de São João Crisóstomo (...). Tais pronunciamentos e imagens terminavam por qualificar a mulher como um recurso infeliz, uma perpétua fonte de desavenças e discórdias, conferido no *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo (FONSECA, 2009, p. 174).

Este livro, então, buscava nivelar as mulheres a fim de provar que todas elas, fossem ricas ou pobres, bonitas ou feias sempre significavam problemas. Para Pedro Carlos Louzada Fonseca, existiu uma verdadeira corrente de escrita que apresentava certo deleite em tabular a mulher como um animal (*bestia*), sendo retratada como uma figura da serpente ou de outra criatura tão quanto ou mais venenosa, a partir de um inventário fabuloso das mais malsãs e perversas características femininas.

Frente a essas anotações, convém destacar a parcialidade desses discursos. É preciso lembrar que a maioria dos estudos sobre as mulheres no mundo grego e romano foi feito a partir de fontes literárias produzidas por homens, o que privilegiou uma visão masculina, diz Marina Regis Cavicchioli (2003). Esse fato fez com se criasse uma imagem dual das mulheres antigas como honradas ou prostitutas, que se persistem bem arraigados nos discursos, sobretudo de homens, até os dias de hoje. Conforme orienta a historiadora medievalista Filomena Nascimento, “no final de contas não devemos esquecer que a maior parte desta produção literária foi escrita por homens celibatários, o

que sem dúvida terminou por refletir suas convicções, desejos e fobias com relação à mulher” (NASCIMENTO, 1997, p. 86). Questionando a validade desses discursos, sabe-se que estas construções teóricas influenciaram sobremaneira os comportamentos sociais, motivo por que encontramos também representados nos textos literários, mas “não se pode incorporá-las à construção histórica sem levar em consideração a existência de outras fontes. A condição feminina era algo que preocupava mais a teóricos e eclesiásticos que a sociedade laica em geral” (NASCIMENTO, 1997, p. 86).

Se o discurso misógino era predominante, havia vozes que, do outro lado, selecionava esforços para falar em favor da mulher. Assim como mencionamos Christine de Pizán que manteve uma voz que tendia a defender a mulher, nos escritos cervantinos, a mulher também, dentro de suas possibilidades, encontravam formas de revelar a sua recôndita autoridade, como acontece com a negação do amante e do casamento por Leonora, após a morte do velho marido. Pedro Carlos Louzada Fonseca se empenha em nos relatar vários textos que, desde o Século XII ao XV, representava um pensamento pró-mulher, o que nos indica que o registro e as práticas das mulheres sempre foram objeto de preocupação de alguns estudiosos. Parte desses textos ironizava o discurso da superioridade masculina em relação ao osso da costela de Adão, do qual Eva foi formada em relação ao pó que Deus se serviu para criar o primeiro homem. Sendo ambos do mesmo pó da terra, teria então a mulher que andar lado a lado de seu companheiro e não servi-lo “atirada a seus pés”.

Outros se ocupavam das mesmas ideias discriminatórias dos homens para responsabilizá-los dos seus comportamentos. Se os machos eram mais ativos e as mulheres mais passivas, entendiam então que eram eles mais culpados nos assuntos sexuais que as mulheres, acrescenta Fonseca (2009). No aspecto literário, como explicamos anteriormente, há críticos que inferem ser

Cervantes um dos divulgadores da condição social e do papel ocupado pela mulher, já que ela é, constantemente, o elemento primordial de suas narrativas.

Dentre os vários textos que se empenharam em favor da mulher, merece destaque *Le Livre de la Cité des Dames*, ou *La ciudad de las damas*, de Cristina de Pizán. De origem francesa, porém criada na Espanha, Cristina de Pizán era filha do astrólogo do rei Carlos V da França, e foi considerada a primeira mulher que viveu do ofício de escritora. Educada na corte em línguas e literatura, consagrou-se como uma das mulheres mais cultas de seu tempo, escreveu tratados de política, filosofia e muita poesia. O livro *La ciudad de las damas* foi escrito em 1405 e, segundo Marie-José Lemarchand (2001), é um livro polêmico e apresenta uma voz própria de mulher. *La ciudad de las damas* revela alegorias de mulheres representadas na forma da Razão, do Direito e da Justiça. Essas sugerem à autora a criação de uma cidade perfeita que pudesse acolher a todas as mulheres.

O livro principia com Cristina em seu quarto refletindo acerca da natureza feminina e do modo como a mulher é vista. Em seguida, ela é surpreendida por receber a visita de três damas que lhe encorajam a desacreditar em todas as inverdades ditas pelos escritores e homens sobre as mulheres. Elas comungam ainda do interesse de reivindicar o direito do reconhecimento e da justiça à mulher, motivo que as leva àquele quarto:

_ Debes saber que existe además una razón muy especial, más importante aún, por la cual hemos venido, y que vamos desvelarte: se trata de expulsar del mundo el error en el que habías caído, para que las damas y todas las mujeres de mérito puedan ahora en adelante tener una ciudadela donde defenderse contra tantos agresores. Durante mucho tiempo las mujeres han quedado indefensas, abandonadas como un campo sin cerca, sin que ningún campeón luche en su ayuda (...) No hay que sorprenderse por lo tanto si la envidia de sus enemigos y las calumnias groseras de la gente vil, que con tantas armas las han atacado, han terminado por vencer en una guerra donde las mujeres no podían ofrecer resistencia (PIZÁN, 2001, p. 69).

O longo trecho explana a consciência da autora diante das limitações da vida feminina. A expressão “con tantas armas las han atacado” nos sugere a percepção da escritora de que, em vários aspectos, inclusive quando registrada no papel, a mulher era depreciada pela ação e pelas ideias dos homens, além de distorcida em seus escritos. O enunciado acima também demonstra que as mulheres eram indefesas diante da ação resistente e agressora do sexo hegemônico. Veja-se que Pizán cita ainda a inveja dos homens sobre as mulheres como se certificando das muitas qualidades delas em relação a eles, a quem ela caracteriza como inimigos. Antes de escrever *La ciudad de las damas*, a autora já revelava o seu poder de decisão quando, tornando-se viúva, mãe de três filhos, tem seus bens confiscados por meio de um golpe, e reage com ações na justiça e decide que, sozinha, recuperaria os seus bens. Após essa iniciativa, no texto intitulado *La mutación de Fortuna* escreve que havia se tornado um homem para pilotar sua nave. Essa metáfora da masculinização de si mesma suscitou muitas discussões entre os estudiosos, diz Lemarchand (2001).

O teor das reflexões mostra o quanto Cristina de Pizán estava sintonizada com a desvalorização das mulheres, sobretudo pelo discurso masculino, embora ela portasse alguns privilégios decorrentes de sua classe e de sua função enquanto secretária do Rei. Pedro Carlos Louzada Fonseca destaca que

Christine haveria de ficar conhecida principalmente pelo seu fresco e vigoroso poder de ofensiva, não só particularmente contra a supressão e a depreciação do intelecto feminino, mas também contra a validade do tradicional saber autoritativo acerca da realidade, controle e domínio do seu sexo, isto é, do seu ser-mulher (FONSECA, 2009, p. 184).

É sabido que o entorno cervantino ainda era regido pelo predomínio do controle, sobretudo religioso sobre as mulheres de determinada classe social, o

que ratifica intenso condicionamento da mulher e uma constante presença dela nos variados tipos de textos. No entanto, não se tem conhecimento se Cervantes teria lido esses embates escritos sobre e pela mulher, porém é clara a sua consciência acerca da condição de limitação a que estavam submetidas as mulheres de seu entorno, mormente pela presença constante delas como protagonistas em seus escritos. Os escritos de Cristina de Pizán, pelo que vimos destacando, não abordam apenas as questões relacionadas ao tratamento recebido pelas mulheres, mas também as questões sociais de seu tempo. Como esclarece Marie-José Lemarchand, Cristina de Pizán

deja el lirismo personal de las baladas para situarse en el plano de la reflexión y abarcar temas de dimensión tan universal como la condición femenina, la historia de las mujeres o el poder político; inquietudes que llevarán a nuestra autora a interpelar al príncipe y a discurrir sobre la situación del reino, sugiriendo remedios a los males de tan agitada época (LEMARCHAND, 2001, p. 17).

Na obra *Ciudad de las damas*, a autora alegoriza figuras femininas e almeja a criação de uma cidade perfeita em que as mulheres tivessem a oportunidade de governar. A personagem que representaria a Razão argumenta que, por muito tempo, as mulheres foram abandonadas e ficaram indefesas. Por isso, será criada uma cidade de fortes e resistentes muralhas para as damas dignas e ilustres. A segunda dama de nome Direito tem a função de criar templos, desenhar e construir ruas, praças e depois povoar esta cidade. A terceira dama era a Justiça, aquela responsável por dar seguimento ao trabalho, terminando a construção e povoando a cidade com mulheres ilustres que dariam Cristina as chaves da cidade, tornando-a rainha.

Surpresa, Cristina aceita o cargo e começa o seu trabalho cavando buracos nos Campos das Letras, solo fértil do qual lhe dariam sempre bons frutos. Por essa metáfora do trabalho no campo das letras, vê-se também o

quanto a escritora detinha a consciência da necessidade da boa formação intelectual das mulheres, além de ser revelada a competência das mulheres no campo do trabalho. Essa metáfora também nos põe defronte a um exercício metalinguístico já que a própria Cristina faz uso das letras para se levantar em favor da mulher. Sobre a presença dessa alegoria moralizante através da escrita, Marie-José Lemarchand salienta,

aquí las virtudes o defectos no quedan ilustrados por el movimiento de las piezas sobre el tablero, sino por las vidas y proezas de damas incorporadas al texto, que se va construyendo del mismo modo que el recinto de una ciudadela se edifica sobre piedras talladas y luego asentadas con argamasa, que aquí compara Razón con la tinta de la bien templada pluma de Cristina (LEMARCHAND, 2001, p. 18).

No desenvolvimento da obra, Cristina de Pizán, em um diálogo travado com as outras damas, se detém na relação entre homens e mulheres destacando a intervenção do homem a serviço da mulher. Assim, acentua o pensamento de Cícero de que um homem não deve nunca servir a uma mulher porque ao colocar-se a serviço de alguém menos nobre faz com que ele mereça desprezo. Uma das damas responde: “_ Él más grande es aquel o aquella que más méritos tiene. La superioridad o inferioridad de la gente no reside en su cuerpo, atendiendo a su sexo, sino en la perfección de sus hábitos y cualidades” (PIZÁN, 2001, p. 82). O fragmento do diálogo das damas deixa transparente a opinião da autora frente à condição dos sexos, isto é, dos gêneros. Para Cristina, a superioridade ou a inferioridade do ser não pode ser mensurada pelo seu gênero, ou melhor, por ser homem ou ser mulher, mas sim pelas suas atitudes. Em seguida, esse mesmo diálogo argumenta acerca do tratamento dado pelo homem às mulheres:

_ Es por mediación de la mujer por lo que el hombre accedió al reino de Dios. Si alguien quisiera alegar que, por culpa de Eva, la mujer hizo caer al hombre, le respondería que si Eva le hizo perder un puesto, gracias a María ganó uno más alto. De no ser por esta falta, jamás se hubiera logrado esta unión del hombre con la divinidad. Hombres y mujeres deben agradecer a Eva tan gran honor, porque, al haber caído tan bajo la naturaleza humana, más ha sido elevada por el Creador (PIZÀN, 2001, p. 82).

Como pode ser lido no trecho em destaque, a escritora recorre às origens da cristandade, à primeira mulher Eva e à Maria para justificar a relevância da mulher como mediadora das conquistas do homem. Veja-se que o discurso da obra *La Ciudad de las damas* debate com os argumentos ora apresentados pelas vozes masculinas. Acima, Cristina justapõe, no mesmo plano, homens e mulheres a fim de que ambos os gêneros sejam gratos à primeira mulher.

Desta forma, as três damas que dialogam naquela cidade ficcional vão desmitificando a culpa atribuída às mulheres pelo seu comportamento e, sobretudo, pelo seu sexo. Neste momento, a obra faz uso da intertextualidade e dialoga com as personagens femininas bíblicas, sendo Maria Magdalena o maior exemplo de pecado, por um lado, e de confiança divina por outro, uma vez que foi ela quem anunciou a ressurreição do Senhor. Desta forma, vão surgindo as artes, as virtudes, a fidelidade, a constância, a entrega, a defesa dos princípios, o valor das mulheres nas guerras e nas lendas e na mitologia. O discurso procura edificar e conceituar as grandes mulheres da história, muitas vezes esquecidas ou mal interpretadas pelos homens. Como explica Marie-José Lemarchand “*La Ciudad de las Damas* no es, sin embargo, una obra didáctica sino una historia de las mujeres y un alegato en su defensa – recogidos ambos propósitos en la cita que sirve de dedicatoria al libro -, como quedará más patente al hablar de su relación con los textos de Boccaccio” (LEMARCHAND, 2001, p. 18).

Além de construir um texto que reflete sobre o modo como são vistas as mulheres, Cristina inaugura uma escrita com voz própria, isto é, uma voz feminina. Seu livro nasce de uma contraposição à obra de Boccaccio, "*De claris mulieribus*", na qual este tratava as mulheres como inferiores ao homem.

A diferencia de Cristina, que elogia sin cesar a la mujer por la belleza y fuerza de su cuerpo y de su mente, Boccaccio desconfía de la naturaleza por su debilidad y falta de inteligencia; las mujeres tienen mucho más mérito en llegar a ser 'esclarecidas' porque 'son muelles, delicadas, de cuerpo debile e ingenio flaco' (LEMARCHAND, 2001, p.32).

Para demonstrar uma estratégia de Cristina de Pizán em defesa da mulher, vale anotar o jogo dialético que estabelece com o texto de Boccaccio, enquanto este se ocupa de culpar as mulheres por algumas falhas da humanidade, justificando com o caso incestuoso da rainha mitológica Semíramis. Do outro lado, Pizán desculpa Semíramis comparando sua atitude aos bárbaros costumes de seu entorno e, principalmente, argumenta a grandeza da inteligência da rainha, o que a impossibilitava de encontrar, fora de seu núcleo familiar, alguém que tivesse o seu grau de conhecimento, isto é, que estivesse a sua altura. Dando um pequeno salto às narrativas de Cervantes, vale anotar que o autor de *Don Quijote* não abandona esses princípios, pensamentos que mobilizam a escrita de e sobre a mulher de seus predecessores para escrever o embate dos gêneros, pelo contrário, é sobre eles que Cervantes permite a seu leitor decifrar os vários planos de leitura possíveis no tecido literário..

Nessa empreitada de defesa das mulheres, para Pizán, a castidade não significava tanta pureza para as cidadãs quanto a força e a independência. A virgindade marcava o caminho da fama e da autorrealização, liberando as mulheres do jogo matrimonial, e com isso abandonando o papel tradicional de mães e esposas. Uma das lições de Cristina de Pizán a uma mulher era a de que

esta não deveria se disfarçar de homem e tampouco procurar se igualar a eles. Para ela, o travestismo não interessa como forma de aproximação do mundo do homem porque “la mujer debe apropiarse ese mundo sin dejar de ser mujer; sólo así el mérito será suyo” (LEMARCHAND, 2001, p. 48).

Sabe-se que o vestir-se de homem para adentrar ao espaço público é um precedente recorrente da literatura medieval e que Cervantes utiliza como estratégia literária que nos permite refletir acerca dessa ocupação da mulher no âmbito privado *versus* a sua vida em sociedade, a nosso ver, na novela *Las dos doncellas*. Sob esse viés é que também nos interessa pensar essa estratégia literária frente ao cenário desenhado para as mulheres nos séculos anteriores ou contemporâneos ao relato cervantino. Sendo pensado como uma forma de representação, o travestismo se configura em uma metáfora bem sugestiva das restrições a que foram submetidas as mulheres no campo social, isto é, para atingir o espaço público, precisavam vestir-se como homens, sendo mulheres elas estariam limitadas ao ambiente doméstico.

Prosseguindo suas advertências às mulheres quanto ao papel destrutivo do homem, no último capítulo do livro, Cristina adverte:

Huid de la enloquecida pasión cuyos juegos placenteros siempre terminan en perjuicio vuestro. Desgraciadamente ésa es la verdad, no os dejéis persuadir de lo contrario. Acordaos de cómo los hombres os tienen por frágiles, frívolas, fácilmente manejables y en la caza amorosa os tienden trampas para cogeros en sus redes como animales salvajes (PIZÁN, 2001, p. 274).

Veja-se, pelo excerto acima, que ademais de defender o corpo e a inteligência feminina, Cristina de Pizán também se empenha em adverti-las dos perigos decorrentes da relação com o homem, uma vez que este acreditava na fragilidade da mulher, o que para eles, tornavam-nas presas fáceis. Ainda, nesse mesmo capítulo, ela argumenta:

Finalmente, a todas vosotras, mujeres de alta, media y baja condición, que nunca os falte conciencia y lucidez para poder defender vuestro honor contra vuestros enemigos. Veréis como los hombres os acusan de los peores defectos, ¡quitadles las máscaras, que nuestras brillantes cualidades demuestren la falsedad de sus ataques! (PIZÁN, 2001, p. 273-274).

O que podemos deprender dessa interpelação é que a escritora, aqui, ao modo dos registros antigos e medievais que rezam a favor da inferioridade da mulher, dispõe homens e mulheres em planos bem opostos, o que significa interpretá-los como inimigos. Veja-se que a influência desses discursos misóginos era muito intenso, o que fez com que o discurso feminino, mais do que a condição de defesa, abandone os preconceitos de classe e se posicione numa condição de ataque. Segundo Leila Mezan Algranti,

[o] livro de Chistine de Pizan, escrito no início do século XV e dirigido às mulheres de todas as origens e classes, reúne um conjunto de advertências sobre a conduta e a moral femininas, e nada deixa a desejar frente à severidade dos conselhos masculinos. Expressão de sua época, possui valor inestimável justamente por ter sido escrito por uma mulher, num século no qual mulheres escritoras eram pouco comuns. Como os compêndios que o antecederam e sucederam, ele reflete os valores morais e culturais das sociedades de origem judaico-cristã, nas quais as mulheres deveriam ser submissas aos homens, fiéis e honradas independentemente do *status* ou destino de cada uma (ALGRANTI, 1993, p.109-110).

A expressão de Leila Mezan Algranti reflete bem a situação de Pizán frente às mulheres de seu tempo e ressalta um fator relevante de sua escrita, a indistinção que a escritora faz entre as mulheres. Para ela, temos homens e mulheres dotados de direitos e de deveres independente de suas condições sociais. Nos relatos literários de obras como as citadas de Cervantes, temos mulheres submetidas aos valores cristãos e às práticas predominantes do

sistema patriarcal que, num primeiro olhar, parecem ser direcionados a determinadas classes sociais, mas que, num exame atento alcançam todas as mulheres desde as protagonistas às coadjuvantes. Nesta perspectiva, vale acrescentar que as regras morais eram escritas a fim de disciplinar a vida da corte, mas acabavam sendo imitados por indivíduos da sociedade geral.

Por outro lado, distintamente de outros relatos comuns de sua época, predominantemente escritos para denegrir a imagem da mulher, Cristina de Pizán apresenta algumas modernidades em temas como as qualidades intelectuais da mulher e seu direito à educação, o uso feminino na linguagem ao utilizar as expressões “los hombres y las mujeres” ao invés do termo genérico “homens”. É bom ressaltar, mais uma vez, a nossa ciência de que as aspirações das mulheres daqueles tempos não se equilataram às reivindicações das mulheres nossas contemporâneas, sendo que, em cada momento, a mulher se moldou a sua realidade histórica, fazendo ver apenas algumas posturas consideradas à frente de seu tempo.

Como vimos reiterando, o discurso patriarcal da Idade Média, alimentado pelos discursos misóginos da Antiguidade, fomentou a escrita dos tratados moralistas tão importantes no Século de Ouro, e também conviveu com um número muito restrito de escritos que buscavam falar em favor da mulher, como o texto de Cristina de Pizán. Pedro Carlos Louzada Fonseca questiona se não seria um paradoxo a intensidade desse discurso misógino já que,

é de cogitar aqui se esse medo do poder de erotização e da prodigalidade sexual da mulher não trazia ao homem uma apreensão ou complexo de inferioridade, dos quais ele sairia reconfortado simplesmente pela atitude de naturalizar as mulheres ao nível das mais indecentes e libidinosas criaturas (FONSECA, 2009, p. 175).

Pelo exposto, podemos entender nessa dialética dos gêneros uma forma de fraqueza masculina, encoberta sob as atitudes de retenção e de controle da sexualidade do homem sobre a mulher?

Pensando nessa direção, é que Cervantes estaria, nas narrativas que apontamos, desvelando essas máscaras que cobrem os perfis tradicionais de homens e de mulheres e, por fim, revelando as fragilidades e os receios do homem em equilíbrio com as estratégias de dominação e de ocultamento de poder por parte da mulher. Fazendo isso, o Manco de Lepanto estaria demonstrando certa simpatia pelas mulheres e conferindo a elas certo espaço de liberdade? Ou, estaria apenas representando, em sua arte, fragmentos da dinâmica social? De modo sumário, é bom destacar o quanto esses pensamentos tanto de homens quanto de mulheres, dotados de suas particularidades e parcialidades foram relevantes e determinantes não apenas das experiências vividas, mas também daquelas imaginadas no construto ficcional.

A representação da mulher e as relações de gênero da história para a ficção

Si las mujeres hubiesen escrito los libros,
Estoy segura de que lo habrían hecho de otra forma,
Porque ellas saben que se las acusa en falso.

Cristina de Pizán (1399)

Estudar a representação de mulheres no princípio do século XVII requer um retorno ao percurso a que as mulheres passaram ou foram imaginadas e escritas por homens e por mulheres.

Como essa trajetória feminina, a nosso ver, é algo importante para se compreender a relação entre homens e mulheres, materializada nos relatos cervantinos, faz-se necessário averiguar como era a vida social das mulheres no Século de Ouro para intentarmos analisar o quanto Cervantes procurou ser coerente com a sociedade que o rodeia. Esse escritor utilizou os seus registros

para, além de revelar as experiências vividas, provocar reflexões acerca da paradigmática condição hierárquica social a que estiveram submetidos tanto mulheres quanto homens de seu entorno.

Se a maioria dos registros que permitiram o conhecimento dos embates sobre a caracterização, os papéis sociais, características biológicas e psicológicas de homens e de mulheres desde a Antiguidade foram textos literários, é patente afirmar que a relação entre os textos literários e o discurso histórico neste contexto do Século de ouro é muito tênue. Relevantes historiadores e sociólogos como Marcelin Defourneaux, Mariló Vigil, Ludwig Pfandl, José Antonio Maravall recorrem a recortes da literatura para exemplificar a estratificação social bem como os seus costumes. Nesse intento, Miguel de Cervantes e suas narrativas são referências citadas, constantemente, a fim de relatar as práticas predominantes do seu tempo.

Sendo assim, para um estudo atento do texto cervantino, é imprescindível um diálogo com alguns tratados de conduta moral daquele tempo já que o autor, assim como seus contemporâneos, foram fortemente influenciados pelas ideologias reinantes naquele tempo. Para isso, necessário se faz um olhar sobre as configurações de homem e de mulher ditados por alguns moralistas e que vão, de certo modo, definir ou redefinir, pelo menos na ficção, as relações hierárquicas de poder entre os gêneros. Conforme assevera Mariló Vigil, “los moralistas españoles de aquella época expresaron en el plano ideológico, por una parte, la visión del mundo de las clases aristocráticas que defendían un orden social estamental, y por otra, actuaban como portavoces de un ideal masculino de sociedad, fuertemente patriarcal” (VIGIL, 1994, p. 15). A opinião da socióloga nos põe diante da parcialidade dos discursos emitidos pelos moralistas, que ora privilegiavam uma determinada classe social e por outro lado, o gênero masculino.

Para Mariló Vigil, a questão biológica do sexo, ou seja, do gênero se configura em um determinado argumento para outras formas de controle social. Citando Reissman, Vigil explica que as

diferencias biológicas, reales o supuestas, pueden ser utilizadas como base para la estratificación social; ‘se invoca lo biológico como justificante para apoyar desigualdades sociales existentes, y si cambían las definiciones sociales referentes a la igualdad lo mismo ocurre con las justificaciones biológicas de que se hizo uso’ (VIGIL, 1994, p. 15).

A par dessa questão, a moral eclesiástica do Século XV defendia um modelo de estratificação social no qual as mulheres correspondiam às expectativas do homem sendo boas mães, exemplares dona de casa e apoio afetivo do marido, tudo sob o comando imediato masculino. A socióloga explica ainda que, neste século, também se produziu fortes polêmicas entre quem atacavam e defendiam as mulheres, como falamos anteriormente da voz de Cristina de Pizán. E completa “el furor planfeterio antifemenino que se desató puede indicar que las mujeres no se adaptaban a las pautas de comportamiento previstas para ellas por la ideología masculina emergente: una ideología destinada a mujeres urbanas o burguesas” (VIGIL, 1994, p. 16). De acordo com a informação de Mariló Vigil, novamente, podemos explicar a coerência desta nossa leitura em relação à presença do discurso e das práticas predominantes das mulheres que povoam o cenário novelesco de *El celoso extremeño* e *Las dos doncellas*. Salienta a historiadora as resistências oferecidas pelas mulheres, já que, teoricamente, os tratados se destinavam a determinadas classes de mulheres, mas, na prática, constituíam-se em exigências que se estendiam a todos os indivíduos do gênero feminino, em seus mais diversos estamentos sociais. E, nesta leitura, podemos depreender através de distintas estratégias essa sutil resistência feminina que, paradoxalmente, pode ser entendida como uma aceitação.

No combate travado entre mulheres e homens pela valorização do gênero, sobretudo feminino, os discursos misóginos influenciaram o modo de ver da mulher no século XVI, porém

la mayoría de los moralistas optaron por dejar de lanzar improperios misóginos y se dedicaron en gran medida a elaborar modelos de perfectas doncellas, perfectas casadas, perfectas viudas y perfectas monjas, para tratar de convencer a las mujeres de que se ajustaran a las normas de acción que correspondían a los papeles y estados en los que trataban de ser ubicadas por el poder masculino (VIGIL, 1994, p. 17).

É lícito destacar que os moralistas escreviam, entretanto, para mulheres urbanas de classes médias e altas. Contudo, é fato também que, esses eram os padrões que indicavam os modelos de comportamentos, que geravam imitação dos baixos estamentos. Conforme ainda Mariló Vigil, a divisão entre solteiras, casadas, viúvas e monjas é mais significativa que dividi-las em esposas ou filhas de nobres, letrados, comerciantes, e outros, pois “las relaciones de poder a que están sometidas todas las mujeres se derivan, en primer lugar, de sus posiciones en la familia. Ser prisioneras de lo doméstico es lo que une a todas ellas” (VIGIL, 1994, p.17).

Um dos textos de mais envergadura acerca de modelos de comportamentos das mulheres era, assim como os demais tratados, assentado no discurso religioso, a obra de Juan Luis Vives *Instrucción de la mujer Cristiana*. Escrita na segunda década do século XVI, esta obra foi um relevante manual moralizante da educação da mulher. Dedicada à rainha Catalina de Inglaterra, filha de Isabel, a católica, *Instrucción de la mujer Cristiana* se divide em três partes: a primeira trata da educação da mulher virgem, a segunda refere-se às mulheres casadas e a terceira parte orienta o modo de vida das viúvas. Toda a obra manifesta o interesse pedagógico, humanístico, moral e cristão

especialmente em relação à instrução de meninas e de seus deveres como esposa.

Pela obra de Vives, deve-se tomar o maior cuidado com a criação e a educação da mulher porque é ela a responsável pelo bem ou pelo mal da vida “entera”.

Pues, ¡cuánto mayor cuidado debemos poner en la crianza y vida de la mujer cristiana; siendo tan importante al vivir humano, que todo el bien y mal que en el mundo se hace se puede sin yerro decir ser por causa de las mujeres según en el proceso de esta obra se podrá comprender! (VIVES, 1995, p. 31).

O fragmento deixa claro o propósito de ensinamento que o texto pretende alcançar, ao mesmo tempo em que enfatiza pela expressão “sin yerro”, a garantia das informações ali prestadas. Segundo Luiz Costa Lima (2007), pensando a partir de Edward Riley, os livros moralizantes, tendo em vista a garantia da moral religiosa tornavam-se perturbadores da condução do indivíduo no cotidiano, uma vez que, como mostraremos posteriormente, nem sempre as práticas da vida social correspondiam àquelas prescritas pelas ordens religiosas.

O discurso, preocupado com a intervenção das práticas na ordem social, é endossado pela ideia religiosa de que a mulher deve se assemelhar à Maria, mãe de Jesus, como a mulher honesta, passiva e acolhedora do marido e dos filhos e, para garantir essa condição, a virtude principal da mulher anotada por Vives é a castidade. Tratada como uma “joya”, a virgindade ou a castidade feminina devia ser assegurada até o casamento. “¿Tú no habrás temor de echarte a perder para siempre y dar en el aire lo que no se puede dar por ningún precio?...”. E assevera que frente à perda da virgindade de uma donzela, “Todo se le hará triste, lloroso, dolorido, lleno de espanto y de rabia contra sí misma. ¿Qué dolor es el de los padres? ¿Qué infamia de los parientes? ¿Qué

tristeza de los amigos? ¿Qué gemidos de los familiares? ¿Qué lágrimas de los que la criaron?” (VIVES, 1995, p. 76).

Conforme vimos sugerindo, o enredo bordado no tecido narrativo das narrativas curtas revela, em primeiro plano, a conservação desses pressupostos. Uma leitura superficial dos dois contos de Cervantes indica que essa concepção religiosa da mulher nelas predomina. Em *Las dos doncellas*, ambas as moças são nobres, filhas de importantes famílias e educadas pelos dogmas católicos. A protagonista Teodosia entrega-se a Marco Antonio e com a viagem dele, ela parte em busca do resgate de seu amor e de sua honra. A lamentação da protagonista na ficção pode ser lida como uma representação da argumentação de Vives:

- ¡Ay sin ventura! ¿Adónde me lleva la fuerza incontrastable de mis hados?... ¿Qué fin ha de tener esta no sabida peregrinación mía? ¡Ay honra menospreciada! ¡ay amor mal agradecido! ¡ay respectos de honrados padres y parientes atropellados! ¡y ay de mí una y mil veces, que tan a rienda suelta me dejé llevar de mis deseos! ¡Oh palabras fingidas, que tan de veras me obligastes a que obras os respondiese! Pero ¿de quien me quejo, cuitada? ¿Yo no soy la que quise engañarme? (CERVANTES, 1995, p. 147-148, v.1).

Como prevê Vives, a protagonista, sob suas lamentações, dimensiona a intensidade de suas perdas. Ela mesma exprime arrependimento e raiva de si mesma quando se questiona a responsabilidade de seus atos, justifica a seu irmão que é a “amarga história de mis desgracias”. No excerto acima, Teodosia também é consciente da desonra e tristeza que o tal ato desencadeará em sua família, o que a instiga a buscar uma forma de reparação do erro.

Para justificar o que ela chama de “principio de mi locura”, isto é, a sua entrega a Marco Antonio, Teodosia explica a seu interlocutor, embora nesse momento ela não tenha conhecimento de que ele é seu irmão Don Rafael que, cada palavra de seu amado, era como

un tiro de artillería que derribaba parte de la fortaleza de mi honra; cada lágrima era un fuego en que se abrasaba mi honestidad; cada suspiro, un furioso viento que el incendio aumentaba de tal suerte que acabó de consumir la virtud que hasta entonces no había sido tocada (CERVANTES, 1995, p.151).

Expressões como “fortaleza de mi honra”, “abrasaba mi honestidade” e “consumir la virtude” indicam que a personagem, educada dentro dos preceitos orientados pela religião, como bem constata o narrador, é conhecedora dos riscos e dos prejuízos que aquela condição poderia trazer a si mesma e a sua família. Como explica o historiador francês Marcelin Defourneaux,

a desonra tem por causa a infidelidade da mulher ou o insulto à virtude. Todo grupo familiar se sente desonrado e cada um não só o marido, mais o pai, o irmão, o tio – tem o direito de se vingar. Demais sendo a honra um valor absoluto e tendo sua fonte na opinião, uma suspeita mesmo injustificada, pode importar em um castigo implacável (DEFOURNEAUX, 1983, p. 192).

No caso da ficção, Don Rafael, irmão de Teodosia, sente-se autorizado a realizar, em nome da irmã e da sua família, “a venganza del agravio”. Sendo assim, partem para as proximidades de Salamanca em busca de Marco Antonio. Comungando do discurso histórico, a obra de arte coloca em evidência a relevância da honra, endossadas pelos discursos moralistas que, naquele contexto, são orientados pelas ideias religiosas. Segundo os postulados de Defourneaux, “os dois componentes primaciais da alma espanhola, a fé católica e o zelo da honra, combinam-se num valor comum: a honra de ser cristão” (DEFOURNEAUX, 1983, p. 47). Nessas duas narrativas breves, os valores decorrentes de serem as personagens cristãs são reiterados constantemente, sobretudo quando se destaca que, em virtude dessa religião, precisa-se garantir

a sua honra. Também em outras narrativas deste mesmo conjunto, esta temática é muito recorrente. Em *La fuerza de la Sangre* e *La Señora Cornelia* a intriga que move o enredo centra-se na recuperação da honra perdida das protagonistas católicas, respectivamente, Leocadia e Cornelia. Esta se configura na maior preocupação da mulher, materializada na castidade, era um dos mais evidentes veículos da perda da honra, e esta, sendo ferida, culminava na desonra de toda a família, sobretudo dos homens da casa, representados pelo pai, pelos irmãos ou pelo marido. Se a preocupação com a honra é a motivação da criação da fortaleza do ciumento Carrizales, em *Las dos doncellas* é o resgate da honra quem encoraja as donzelas Leocadia e Teodosia em suas ações. Sendo assim, a honra é vista pelos moralistas como o maior valor da mulher, aspecto que a assemelha à virgem Maria.

Vê-se que o limite existente entre a religião e a honra é muito estreito como explica o historiador. Esta última é objeto de muitas recomendações nos discursos moralistas porque seria facilmente destruída, como está posto no trecho em destaque acima, isto é, uma simples suspeita consistiria num fator de desonra. Para evitar esse infortúnio, Juan Luis Vives argumenta que a mulher virgem quando sai de casa “pone en el peso de las lenguas a su hermosura, y su crianza, su saber, su bondad, comoquiera que no hay cosa hoy en el mundo tan tierna ni tan delicada ni tan frágil como es la honra y reputación de la mujer” (VIVES, 1995, p. 137). O olhar de Vives sobre as fragilidades do feminino remete-nos à presença da mulher nas *Novelas ejemplares*. Naquelas que vimos citando, aparentemente, as mulheres são construídas dentro deste paradigma de delicadeza, passividade e fragilidade. Contudo, um olhar atento a essas obras mostra que essa imagem pode ser vista como uma estratégia de dominação e conquista da mulher, o que resulta numa forma de reflexão do papel social dos gêneros proveniente do autor.

Voltando às correspondências percebidas entre a ficção e o discurso de teor moral e religioso, a fragilidade da mulher e de sua honra é ressaltada também no relato de *La perfecta casada*, de Fray Luis de León. Neste manual de convenções para a mulher casada, Fray Luis destaca que “siendo las mujeres de su cosecha gente de gran pundonor, apetitosas de ser apreciadas y honradas, como son todos los de ánimo flaco, y gustando de vencerse entre sí unas a otras, aun en cosas menudas y de niñería, no se precian, antes se descuidan y olvidan de lo que es su propia virtud y loa” (LEÓN, 1953, p. 43-44). Explicando sobre as duas qualidades principais que se deve ter uma mulher casada, Juan Luis Vives assegura:

Entre las otras virtudes la mujer casada ha de tener dos principales. Las cuales solas pueden hacer que el matrimonio sea firme, estable, perpetuo, fácil, ligero, dulce y lleno de felicidad; y faltándola una de ellas, enfermo, grave, odioso, intolerable, y lleno de amargura y miseria. Estas son castidad y afición entrañable a su marido. La primera se debe traer de casa del padre y la segunda tomarla entrando por las puertas del marido (VIVES, 1995, p. 211).

Mais uma vez em texto do século XVI, a honra é entendida como uma virtude suprema da qual derivará outras qualidades da mulher e, pelos escritos misóginos da Antiguidade deve ser preservada da fragilidade e da vulnerabilidade da própria mulher.

Em suma, nas narrativas *Las dos doncellas* e *El celoso extremeño*, o leitor se vê defronte a situações do cotidiano que representavam a ordem instituída, o que confere intensa correspondência da história com a ficção e imprime considerável coerência ao desenvolvimento interno da obra. Com esse mecanismo na criação do sentimento de verdade do texto, os autores, tanto Christine de Pizán quanto Cervantes, usam a história como um pretexto para partilhar com seu leitor a reflexão sobre o exercício de poder, o jogo de

aparências e a hierarquia que coloca alguns seres em detrimento de outros, seja através do gênero ou da classe social. Contudo, vale ressaltar que, ainda que os discursos masculinos medievais orientassem outras obras e pensamentos sobre a conduta da mulher, vimos que tanto um homem quanto uma mulher escreveram deixando entrevistados seus lugares de fala e seus posicionamentos sobre a mulher, ainda que, de modo explícito nesta e de maneira irônica e velada naquele.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. (Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa). Porto Alegre, Editora Globo, 1966.

ARISTÓTELES. **História dos animais. Livros VII - X** (Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva) Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2008.

ARISTÓTELES. **Retórica**. (Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena) Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1998.

BARBIERI, T. **“Sobre la categoria género. Una introducción teórico-metodológica”**. In: V, Stolcke e S. Azarêdo (Coord.). Direitos reprodutivos. São Paulo: FCC, DPE, 1991.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. **“A posição da mulher na Roma antiga- do discurso acadêmico ao ato sexual”**. In: FUNARI, Pedro Paulo A, FEITOSA, Lourdes Conde, SILVA, Glaydson José da. (Orgs) Amor, desejo e poder na antigüidade: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CERVANTES, Miguel de. **El celoso extremeño**. In: *Novelas ejemplares*. (Edición, introducción y notas de Rosa Navarro Durán) Madrid: Alianza Editorial, 1995. Vol 2. p. 19-65.

CERVANTES, Miguel de. **Las dos doncellas**. In: *Novelas ejemplares*. (Edición, introducción y notas de Rosa Navarro Durán) Madrid: Alianza Editorial, 1995. Vol 2. p. 143-189.

DEFOURNEAUX, Marcelin. **A vida quotidiana em Espanha no século de ouro**. (Trad. de André Carga) Lisboa: Livros do Brasil, 1983.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média**. Série Estudos Medievais 2: Fontes. Ano: 2009. Disponível em: <http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/gtmedieval/interno.php?secao=fontes>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. (Trad. Vera Whately) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEMARCHAND, José-Marie. **Introducción**. In: PIZÁN, Cristina de. *La ciudad de las damas*. Edición a cargo de Marie-José Lemarchand. 2 ed. Madrid: Ediciones Siruela, 2001, p. 11-56.

LEÓN, Fray Luis. **La perfecta casada**. Madrid: Aguilar, S.A. de Ediciones, 1953.

LEÓN, Luis de. **A perfeita mulher casada**. (Trad. Liliana Raquel Chwat) São Paulo: Editora Escala, [s.d.] vol.19 Coleção Grandes Pensadores.

LIMA, Luís Costa. **A Agarrás do Tempo: Estudos sobre a Narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MALLARD, Letícia. **“O factual e o ficcional: Literatura e História.”** In: Suplemento Literário de Minas Gerais, maio de 1997, p. 21-23.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **Ser mulher na Idade Média**. In: *Textos de História*. Revista do Programa de Pós- Graduação em História da UNB. Brasília, Vol. 5, nº 1, p.82-91, 1997.

PASTOR, Reyna. **“Para una historia social de la mujer hispano-medieval. Problemática y puntos de vista”**. In: *La condición de la mujer en la Edad Media*. Madrid: Casa de Velásquez, Universidade Complutense de Madrid, 1986.

PIZÁN, Cristina de. **La Ciudad de las damas**. Edición a cargo de Marie-José Lemarchand. 2 ed. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

VIVES, Juan Luis. **Instrucción de la mujer Cristiana**. (Trad. Juan Justiniano)
Madrid: Fundación Universitaria Española, Universidad pontificia de
Salamanca, 1995.

VIVES, Juan Luis. **Introdução à sabedoria**. In: *Moralistas Espanhóis*. PÉREZ,
David J. (Seleção e prefácio) (Trad. Acácio França) Rio de Janeiro: W.M. Jackson,
1964.

VIGIL, Mariló. **La vida de las mujeres en los siglos XVI y XVII**. 2 ed. Madrid:
Siglo XXI de España Editores, 1994.